

## Da Clausura à Libertação: o Estar-todo-aí presente como Resposta a um Apelo

JOAQUIM ANTÓNIO PINTO

*Dedico esta singela reflexão à minha falecida mãe.  
Por não ter estado sempre at-presente... posto que, assim, deveria ter estado.  
Não podendo recuperar o tempo, espero recuperar-me no tempo... saudade.*

Martin Buber nasceu em Viena a 8 de fevereiro de 1878 e morreu em Jerusalém a 13 de junho de 1965. Para além desta referência, que serve para introduzir o autor em torno do qual girará esta reflexão e demarca cronologicamente a passagem deste homem atípico pelos tempos, apenas vos irei referir mais uma pequena nótula biográfica, à qual chamarei, do mesmo modo que Buber o fez, de “desencontro”: Aos quatro anos de idade, Buber, na varanda de sua casa, em Lvov, após a sua mãe abandonar a família e em diálogo com a sua irmã, esta disse-lhe: “*não, ela nunca regressará!*” Foi neste momento da vida no tempo, neste “desencontro” com aquele seu “Tu” irredutível – a sua mãe –, que se desencadeou, em toda a sua vida, a procura genuína do significado genuíno do genuíno encontro! Nas palavras de Júlio Dinis, pessoalizando e com isso comprometendo um pouco Buber: o “Tu” “*que me levou as saudades, jamais me trouxe saudades em paga ...*”

Buber apresenta-nos um vínculo à vida, vivida de forma responsável<sup>1</sup> e articulada entre reflexão e ação, práxis e logos. É neste vínculo vivo que a experiência existencial, do vivente, aquele que está vinculado à vida, nos é dada como presença ao mundo e que desvela a própria produção reflexiva. Temos pois, que a fonte do seu pensamento é a sua vida, sendo esta, a vida, a manifestação concreta da convicção de quem a vive. É uma notável e nostálgica procura da recriação do humano. Não se entenda isto, e com isso se mal-entenda, a recriação do homem, mas sim a recriação e estímulo do que intimamente habita no homem, a sua humanidade, a verdadeira vida e,

---

<sup>1</sup> Entenda-se aqui responsabilidade na linha de Bernard Lonergan. A consciência responsável é aquela que dá uma resposta genuína às coisas como elas são, em face da verdade delas mesmas. Para Buber seria o dar resposta à vida.

dentro desta, a condição dialógica que lhe é concomitante, o encontro. Defendemos, pois, aqui, uma arquipassibilidade e possibilidade de concriação que respalda em diversas conaignações de índole ôntico-ontológicas. “*Toda a vida verdadeira é encontro*”, é um “Outro” que nos “aparece”, um “tornar-se par” que se doa e (con)cria nesse processo de aparecimento.

É recalitrante e difícil atingir a compreensão, por mínima que seja, deste peregrino hassídico, nem sei se o seu desejo seria o de ser totalmente compreendido. Buber é aquele ser apenas intuível que quer conversar e, com isso, convergir, que quer dialogar, e nesse íntimo dar-se... simplesmente viver. Temos pois, que viver, conversar ou, como muitos preferem, dialogar é e sempre será uma relação. A filosofia de Buber é uma filosofia da relação. Só na relação entre viventes que vivem e acusam a própria vida, é que poderia nascer uma filosofia do viver-se a si na vida<sup>2</sup>, uma filosofia do diálogo. Há uma certa concomitância entre diálogo e sentimento. Carece-me, pois, dizer que a filosofia de Buber exala, no diálogo, esse íntimo e puro amor, um amor que se espraia na reciprocidade<sup>3</sup> dialética entre consciências que não cessam... que se abrem e se dão em relação. Quando Pessoa diz, o “nosso” Fernando, quando diz: “*Ah, a esta alma que não arde... Não envolve, porque ama*”, inscreve de forma profunda o que se pretende aqui aludir.

A filosofia de Buber é uma filosofia de vida. Mas o que é isso de filosofia de vida?

Para Buber seria esse íntimo dar-se em relação à vida e procurar na própria vida a razão dessa relação, procurar o “Tu” que se vincula em mim e o “TU” irredutível (Deus) que se vincula em todos e que a todos vincula. É um íntimo vincular-se na vida, para a vida. Sendo esta, a vida vivida: a origem, o modo autêntico e genuíno como o ser se dá em sentimento puro numa relação de reciprocidade. Em suma, em resposta ao apelo “*estás aí?*”, aquele que se vive responde: “*sou-todo-eu que estou aqui!*”.

O pensamento buberiano é de uma inegável atualidade, arrisco-me até a dizer de uma inegável futuridade; em vista daquilo que ressoa numa época contaminada pelo esquecimento fragmentador do que é mais intrínseco ao homem: a sua própria condição humana. Tanto a obra como a vida de Buber, são fundamentais para qualquer abordagem de índole antropológica.

---

<sup>2</sup> Atente-se o facto de Martin Buber ter sido aluno de Wilhelm Dilthey, expoente do Vitalismo Histórico, de que resulta a sua forte influência na filosofia buberiana. Voltarei a este assunto.

<sup>3</sup> Reciprocidade é a marca definitiva da atualização do fenómeno da relação onde o “entre” é, em consonância, considerado como a categoria ontológica que torna possível a aceitação e\ou confirmação dos pólos envolvidos no evento da relação.

Cheiramos em Buber, sim, “cheiramos”, nesse advir, o modo como o paradoxo se dá em paixão de pensamento. Buber, para lá de poético é autopoético, revela e alude a um caminho de reciprocidade numa construção constante de si mesmo e de um mundo melhor. Construir o mundo é construirmo-nos com paixão no mundo; como nos relata Aquiles Zuben, tradutor brasileiro de Buber, “*que um pensador sem paradoxo é como um amante sem paixão, um sujeito medíocre*”. Eis aqui apresentado, e com escassas notas biográficas, o autor que irei tratar. Eis o homem atípico! Já o sentem? Já existe a íntima vontade de dialogar com ele? Espero que o façam, em vista da sua fecundidade.

Depondo a parte poética que, apesar de apelativa e fecunda, não subsume totalmente o nível de conceptualização necessário à explanação deste pouco conhecido autor – pelo menos no que concerne ao nosso país –, iremos adentrar por um, mais sustentado, itinerário filosófico com vista a explicitar a temática específica epigrafada no título deste artigo. Paradoxalmente, a temática, ao ser específica, abrange a totalidade do pensamento de Buber: “*Da clausura à libertação: o estar-todo-aí-presente como resposta a um apelo*” ou, de uma forma menos eloquente e quicá mais eficaz, “*A dinâmica do Encontro em Martin Buber*”.

A dinâmica do encontro, à qual poderíamos igualmente chamar: a dinâmica da relação; a dinâmica do diálogo, da presença, da comunidade, enfim... a dinâmica da vida, obriga a que, numa primeira fase, se elucide bem aquilo que Buber entende por vida. A significância de vida, já antes aludida de forma mais poética, é, agora de modo mais objetivo decalcada, também consciência, e é nestes meandros que o ser pode estar enclausurado ou atingir a libertação. Para uma análise da consciência é importante situar que, quando falamos de realidade, falamos de algo que «está aí», aí em relação, em justaposição recíproca. Não quero deixar de alertar que o homem, ao invés, no ato de intuição, pode ser igualmente subjugado pelo ato de intuir, sem que com isso consiga atingir a verdadeira realidade do objeto ou da coisa intuída que se coloca aquém no momento da presença, no momento da intuição.

Buber dá primazia a uma atitude pré-cognitiva e pré-reflexiva, existente entre o homem e o ente aquando da relação dialógica. A consciência deferida pelo idealismo é monádica, existe ela e os seus conteúdos, que mais não são do que manifestações diversas dela mesma. Esta, a consciência monádica, não refere o que se vê, mas os conteúdos do que a consciência vê. O ser, ao invés de estático, tem que ser extático, ser-se em êxtase, estar-aí-presente como resposta ao apelo da vida. Este êxtase de que falo, significa,

não apenas um extrair-se de si e elevar as possibilidades na vida que há em si, mas, de forma recíproca, um extrair-se a si na vida, dirigindo-se para ela e encontrando-se nela. Aqui, nesta dimensão, existir é existir “com”.

Buber acusa a vida e esta apela a uma relação (diálogo) que, partindo de dentro, da compreensão e sentir de si mesma, se integre nela, tendo como sustento este estar-todo-aí presente à vida. A condição humana é condição porque é vital, é o modo como a vida se manifesta e se disponibiliza enquanto vida. Para tal, é preciso estar-aí presente como resposta a um apelo, i.e, na linha de Lonergan, o diálogo como abertura do vivente à vida em que se vive, cumpre-se e realiza-se em condição dialógica de existência. A consciência, a que não está encerrada em si mesma, está aberta a esta autêntica dinâmica da relação entre o “Eu” e as suas circunstâncias, o “Eu” que se dá na sua própria vida.

O pensamento buberiano é transversal, intuitivo e subtil. Continuaremos com esta humilde meditação, com vista a alcançar alguns travejamentos da sua filosofia intuitiva.

É um pensamento circulatório, o de Buber, um pouco à imagem do que fez Cervantes, e os israelitas no cerco a Jericó. A sua reflexão é um compromisso com uma existência concreta, a que se sente, a que se vive, e nesse aspeto podemos situar o vitalismo de Dilthey, de quem foi aluno, como uma das suas grandes influências. O homem precisa de assumir um compromisso com a vida, até ao nível da própria reflexão filosófica, pois é a reflexão filosófica que permite o desvelamento progressivo do *anthropos* e onde os seus esforços ontológicos se entrelaçam com a sua dimensão ôntica, prática.<sup>4</sup> Tal, implica necessariamente uma procura e um concreto compromisso com a vida.

Espero não estar a conotar Buber como um representante inveterado do misticismo irracional. De facto ele não o é, até porque a sua obra lapidar, “*Eu e Tu*”, promove reflexões filosóficas profundamente ligadas a uma ontologia.

---

<sup>4</sup> Aceita-se aqui o compromisso e validação de uma Filosofia aplicada que em momento algum se abstenha desta tessitura ôntico-ontológica. A inauguração de novos conceitos que se adequam de maneira mais eficaz à tradução de novas realidades, concorrem, ou, pelo menos, comportam esse enfoque, para um novo paradigma de abordagem ao apaziguamento de conflitos que é transversal a todo o existir humano. A existência, *per si*, é também intranquilidade e conflito. Perante isto, torna-se fundamental inquirir as suas razões e aludir a necessárias soluções. A dimensão ética do agir humano, já retratada em tempos imemoriais, por Confúcio, Lao Tsé, Pitágoras, o Cínico Diógenes, entre outros, é hodiernamente um dos assuntos mais prementes da condição humana. Perante isto, a nova fórmula que vos apresento, e que será desenvolvida, posteriormente é: Afetação – ação\reação – desafetação\infetação ou axialização\desaxialização.

Despisto quem possa pensar que estamos perante um sistema filosófico pronto, ao género de Hegel ou Aristóteles. Buber, ao invés, alude e impele-nos a refletir de forma crítica sobre o seu próprio pensamento. Na vida, tal como na obra, em Buber, destacam-se claramente três dimensões: ética<sup>5</sup>, ontológica e antropológica. Em todas elas se manifesta a recalcitrante dimensão humana. “*Aí não se conhecerá*”, diz Buber em referência à abordagem antropológica, “*permanecendo na praia e contemplando as espumas das ondas. Deve-se correr o risco, é necessário atirar-se à água e nadar*”.<sup>6</sup>

A implicação que Buber faz à ontologia da relação leva-nos à multifuncionalidade prática do seu pensamento: Sociologia, Psicologia, Educação, Política e, necessariamente, Filosofia. É a ontologia da relação que serve como base concomitante a todos os outros âmbitos. Chegamos, deste modo, ao momento epigráfico: o aspeto primordial do pensamento buberiano é a relação, o diálogo como atitude existencial do «face-a-face».

Abandonemos este círculo “viciante”, que não vicioso. Pretendi, atrás, transmitir e tecer algumas considerações gerais sobre a Filosofia do Diálogo em Martin Buber. Agora e sem mais delongas, vou adentrar-me pelas características do seu pensamento, o lugar-onde onde poderemos “dialogar” sobre a dinâmica do encontro.

A semente do “Tu” já está lançada: o lugar dos “Outros” é indispensável para a nossa realização existencial. O espírito filosófico de Buber é marcado por uma enorme convicção no humano: “*Durante a primeira guerra mundial, depois que os meus próprios pensamentos sobre as coisas mais elevadas haviam tomado uma orientação decisiva, eu falava às vezes sobre a minha posição aos meus amigos; ela era semelhante a uma ‘estreita aresta’.* Desejava exprimir com isso que não me colocou numa larga e alta planície quanto ao Absoluto, mas sobre uma saliência estreita de um rochedo, entre dois abismos, onde não existe segurança alguma de ciência enunciável, mas onde existe a certeza do encontro com aquilo que está encoberto”.<sup>7</sup>

Esta passagem traduz, como poucas, a imensa fecundidade do pensamento de Buber. Uma visão mais atenta permitir-nos-á, escutar o significado e valor da vida em toda a sua filosofia. Vivemos entre dois abismos, o mundo do “tu” e o mundo do “isso”, um pouco à imagem do que disse Judite Jorge, definindo a atitude humana: “*pés na lama e cabeça nas estrelas*”. É esta a inegável opção da dimensão humana... viver no mundo do “Isso” ou viver-se no mundo do “Eu-Tu”, da relação, do encontro genuíno e

<sup>5</sup> A ética Hassídica.

<sup>6</sup> Cf. Buber, Martin, *Le problème de l'homme*, tradução de J. Loewenson-Lavi, Paris, Aubier, 1980, p. 18.

<sup>7</sup> Cf. *ibidem*, p. 92.

autêntico. A estreita aresta de que falava Buber não é um refúgio, um abrigo ou uma facilidade, até porque a vida não é fácil, pelo contrário, é frágil, é uma fragilidade que nos impelirá a transcender uma existência real crivada de paradoxos e antinomias que não se podem ignorar pelo simples fato de quisermos delas... fugir. É antes, a aresta, uma plena e paradoxal plenitude, que nos possibilitará a superação e a orientação na vida. As alternativas estão à vista: “Eu-Tu” – “Eu-Isso”, dependência-liberdade, fragmentação-plenitude, clausura-libertação. Na profunda intimidade do encontro, os contrários são misteriosos. É preciso estar atento, é preciso escutar. Este íntimo escutar não ensina nada, mas ajuda, e muito, a aprender.

O diálogo é o caminho para a verdadeira plenitude. Podemos considerar o diálogo como a categoria fundamental e única, que nos permitirá atingir a compreensão do pensamento de Martin Buber. O diálogo é um compromisso de relação que ecoa como um mantra por toda a vida e obra de Buber. De-sencontrou-se de um “Tu”, ergueu-se e procurou o “Outro”! Encontrou-se, dialogou com ele, aceitou-o plenamente em toda a sua plenitude e tornou-se, com isso, verdadeiramente pleno. Eis a dinâmica do encontro, do verdadeiro e genuíno que só é possível com um harmonioso estar-todo-aí-presente, e não do encontro que gera e emana dimensões conflituosas e conflitantes. Atos autistas que revelam a incapacidade do “Eu” dizer “Tu”, de acolher, amar ou como diria um familiar: “(...) a capacidade de abrigar o outro e abrigar-se nesse íntimo ato de abrigar. Abrigar-me a mim, abrigando o outro”. Em Buber existe a mesma reciprocidade, o travessão que une o “Eu-Tu” substitui a conjunção “e” e dá-nos uma relação de paridade, de isotimia.

Ao circular pelas obras de Buber, constata-se que mapeou todos os componentes necessários à realização de uma teoria do reconhecimento como relação. Citando Mendo Castro Henriques: “conhecemos objetos e reconhecemos os sujeitos.” Aclarando: conhecemos o mundo do “Isso” e reconhecemos o mundo do “Tu”, o mesmo será dizer, e de forma mais poética, Fernando Pessoa que me desculpe a canibalização: “enquanto houver um “Tu” do outro lado “Eu” consigo-me orientar”. Chegamos a um ponto alto desta meditação, a um cume, a uma aresta: conhecemos objetos, reconhecemos identidades. É essa diferente maneira de o “Eu” se apresentar como um “Tu”, que é um *idem*, que me identifica e me envolve no *ipse*, no “Eu”! Viver no mundo do “Isso” é viver na caverna, é procurar preencher intuitivamente dimensões que não se possibilitam ao preenchimento intuitivo. Aí, no mundo do “Isso”, somos iludidos e aceitamos essa ilusão com vista à nossa autopreservação. O mundo não é um mero “topos” de relações utilitaristas, é algo mais do que ... “Isso”. É um modo de reconhecimento do outro e pelo outro, nesse fenómeno de dialogicidade como a vida se apresenta.

Para Buber, o conteúdo vivido, da experiência humana, em todas as suas manifestações, é mais válido do que qualquer sistematização conceitual. É um processo idiossincrático de sustentação do modo como o ser “aí se faz”. Neste âmbito, o diálogo, ou melhor, a relação dialógica, é uma categoria que não se alcança através do raciocínio dedutivo... simplesmente acontece! E com Buber aconteceu: certo dia, brincava com o seu cavalo preferido e, num certo instante, aquele e não outro, “algo aconteceu”, algo “foi dito” e ele respondeu a esse apelo. O diálogo, o encontro, a relação não se extinguem ou se limitam aos humanos, mas sim às vivências íntimas e autênticas. A fonte ou o arquidialógico de onde o diálogo brota é profundamente vivencial, existe na sua concretude. A vida é realizada no concreto do dia a dia. O verdadeiro projeto da filosofia deve, enquanto tal, explicitar, ou pelo menos tentar, essa concretude da vida, a partir da própria vida... e a vida é, ela mesma, um apelo, como este que cito em seguida:

*“(...) O sonho começava com as mais diversas formas, mas sempre, no início, algo de extraordinário me acontece: por exemplo, um pequeno animal, com a aparência de um filhote de leão, cujo nome conheço no sonho mas não ao acordar, dilacera-me o braço e eu só o domino com dificuldade. Ora, o estranho é que esta parte do enredo do sonho, a primeira e de longe a mais interesse, tanto pela sua duração como pela significação exterior, desenrola-se sempre a um ritmo galopante, como se ela não fosse importante. E então o ritmo torna-se, subitamente, mais lento: eu estou aí e lanço um apelo. A visão global que tenho dos acontecimentos quando estou acordado deveria certamente fazer-me supor que, segundo os fatos que o precederam, o apelo fosse ora alegre, ora assustado, ao ainda ao mesmo tempo doloroso e triunfante. Pela manhã, todavia, a minha memória não me reporta este apelo tão marcado por sentimento nem tão rico em mutações; é toda a vez o mesmo apelo, não articulado, mas de um ritmo rigoroso, ressurgindo de quando em quando, inflando até atingir uma plenitude que a minha laringe, em vigília, não suportaria; longo e lento, totalmente lento e muito longo, um apelo que é uma canção – e quando ele termina, o meu coração cessa de bater”*.<sup>8</sup>

Para além de atípico, Buber era assistemático e, como tal, a filosofia, para ele, não poderia passar por um mero conjunto de atos de abstração. Abstrair o homem da vida é abstrair a vida no homem, um viver anestesiado. Contudo, contrariamente à abstração, o conhecimento antropológico aborda o fluxo vivencial desta vida que nos nutre. Então, e na coisa mesma deste colóquio, a filosofia que seja prática e praticada como um ato vital, pois é de vida que se trata.

---

<sup>8</sup> Cf. Martin Buber, *Do Diálogo e do Dialógico*, tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg, São Paulo, Perspetiva, 1982, p. 34.

Se há algum tipo de intuicionismo no pensamento de Buber, este deve ser alcançado à sua participação na concretude vivencial, em contrariedade à conceptualização, em que o homem é um mero espectador de uma vida onde não habita. Este habitar na vida é também um acolher, um hospedar e um albergar o “Outro”. O ser também é uma identidade de promessa, como condição ontológica, um “andarmos atrás de nós mesmos” em dimensão utópica, um estar-todo-aí-presente para o futuro, a preservação do poder vir estar-todo-lá-presente. Numa consciência enclausurada apenas habita uma identidade monolítica, encerrada, fechada.

E este homem, no seu encontro com Deus?

No pensamento buberiano, verifica-se uma relação diferente entre mundo e Deus. Esta seriação, manifesta de modo incontornável a influência do Hassidismo em todas as fases da vida de Martin Buber, quer pela presença, quer pela ausência... enfim, pelo paradoxo, pela procura do oxímoro apaziguador. Não existe uma relação panteísta entre o Mundo e Deus. A imanência de Deus não implica a absorção do Mundo por Este. Buber refere que *“O comércio real do homem com Deus tem não só o lugar, mas também o seu objeto no mundo. Deus dirige-se diretamente ao homem por meio destas coisas e destes seres que Ele coloca na sua vida: o homem responde pelo modo pelo qual ele se conduz em relação a estas coisas e aos seres enviados de Deus”*.<sup>9</sup>

Ao afirmar esta relação, claramente influenciado pelo Hassidismo, Buber informa um panenteísmo, não uma identificação entre Deus e o Mundo, mas uma realidade de um Mundo em Deus. Diz Buber: *“(...) a reciprocidade da relação entre o humano e o divino, a realidade do Eu e do Tu que não cessa mesmo à beira da eternidade – o hassidismo tornou manifestas, em todos os seres e todas as coisas, as irradiações divinas, as ardentes centelhas divinas, e ensinou como se aproximar delas, como lidar com elas e, mais, como elevá-las, redimi-las e reatá-las à sua raiz primeira”*.<sup>10</sup>

A alegria entusiástica advém do reconhecimento de todas as coisas em Deus. Este, Deus, é o “TU” eterno que jamais poderá ser um isso, porque não se pode conhecer, nem reduzir, mas pode-se reconhecer. Implica uma autopoiese: a (com)criação constante de si mesmo na sua relação com o “Outro”, um estar livre, aberto e todo-aí-presente ao “Outro”.

Buber sintetizou o reconhecimento como um modo de preenchimento subjetivo recíproco, uma mútua apropriação. Obviamente que este termo, “apropriação”, levanta algumas conotações menos agradáveis: apropriar

<sup>9</sup> Cf. Buber, Martin, *La Message Hassidique*, in *Dieu Vivant*, n.º 2 (1945), p. 18.

<sup>10</sup> Cf. Buber, Martin, *Histórias do Rabi Nakhman*, tradução de Fany Kon e J. Guinsburg, São Paulo, Perspetiva, 2000, p. 21.

não é expropriar nem despojar o outro de dimensões essenciais, é, pelo contrário, apropriarmo-nos de nós com o “Outro” e dar permissão de entrada a quem nos “bate à porta”. É um fenômeno identitário de relação concomitante. Para tal é sempre necessário “aquela presença” genuína: o estar-aí-aberto-ao-outro. Confesso que esta pertença, esta *parousia*, a essência que está aí, concluo-a melhor como um “aí estar”, posto que o “não estar aí” seria uma *apousia*, uma ausência, um aí-não-estar-presente. Como diz Mendo Castro Henriques, “Muitos reconhecem lugares diferentes no mesmo espaço que conhecem”. O “Eu” é uma perspectiva da consciência e o reconhecimento é a aquisição de uma narrativa identitária através da sua relação com o “Outro”. O crescimento e a confirmação da ipseidade dão-se no desejo e efetivação do “estar aí presente ao outro”.

Buber efetiva uma verdadeira fenomenologia da relação, onde a manifestação do ser ao homem, que o intui, é o seu verdadeiro princípio ontológico. É uma intuição contemplativa, um estar e sair do templo, ao qual se retorna com o acrescento de um “Tu”. Em “*Eu e Tu*” retoma-se a articulação entre a mesmidade e a diferença. O “Tu” é toda a realidade que nos interpela e com a qual o “Eu” comunica. Verificamos, deste modo, em Buber, a palavra como portadora de ser, como lugar onde se instaura a revelação daquele que “é”.

A problemática da totalidade sempre esteve, de forma axial, no pensamento buberiano, pois entronca na questão antropológica e dirige a sua conceção da tarefa filosófica: a reflexão sobre questões reais, aquelas que envolvem um compromisso com a pessoa humana em todas as suas diversas manifestações e atitudes.

A categoria do “entre” é a verdadeira chave antropológica que permitirá a revelação do homem na sua totalidade. E diz Buber: “*cada um, em sua alma, volta-se-para-o-outro de maneira que, dali por diante, tornando o outro presente, fala-lhe e a ele se dirige verdadeiramente... as palavras que nos são transmitidas traduzem-se, para nós, no nosso humano voltar-se-um-para-o-outro.*”<sup>11</sup>

O enfoque dado a esta totalidade pressupõe a rejeição da afirmação da razão como característica distintiva do homem. Mais do que na razão, o homem dá-se e compromete-se com a vida através do diálogo. A condição dialógica<sup>12</sup> é uma condição humana. Abre-se aqui uma vereda para a ética do inter-humano ou do interdialógico.

---

<sup>11</sup> Cf. Martin Buber, *Do diálogo e do dialógico*, tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg, São Paulo, Perspetiva, 1982, p. 8.

<sup>12</sup> A forma explicativa do fenómeno do inter-humano.

O homem é um ente de relação e esta é o fundamento essencial da sua própria existência. Buber ressalva de forma apodítica, duas atitudes distintas do vivente que é homem face ao mundo: as palavras princípio “Eu-Tu” e “Eu-Isso”. A primeira reveste-se de um ato essencial e inscreve-se no reconhecimento, a segunda é um ato pontual, instrumental e inscreve-se na dinâmica do conhecimento: é objetivante e utilitarista, a segunda; é uma atitude ontológica, a primeira.

Citando Aquiles Zuben, a respeito das palavras princípio em “Eu e Tu” *“O mundo é múltiplo para o homem e as atitudes que este pode apresentar são múltiplas. A atitude é um ato essencial ou ontológico em virtude da palavra proferida. Cada atitude é atualizada por uma das palavras-princípio, Eu-Tu ou Eu-Isso. A palavra-princípio, uma vez proferida, fundamenta um modo de existir. Ela é uma palavra originária, fundamental. O homem, como já foi dito, é um ser de relação. Podemos nos referir aqui ao conceito de intencionalidade como ele é entendido na fenomenologia. A relação não é uma propriedade do homem, assim como a intencionalidade não significa algo que esteja na consciência, mas sim algo que está entre a consciência e o mundo ou o objeto. Sendo assim, a relação é também um evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta. Não é o homem que é o condutor da palavra mas é esta que o conduz e o instaura no ser. Notemos aqui nítidas reminiscências judaicas sobre o sentido dado à palavra que não é logos (razão), mas doar. A atitude de abertura do homem e a doação originária do ser formam a estrutura da relação Eu-Ser. “A essência do ser se comunica no fenómeno”.*<sup>13</sup>

Diz Buber: “A contemplação é a atitude que instaura a presença imediata do homem-Eu ao mundo” e com isto adscribe o fenómeno da relação de diversas maneiras: diálogo, relação essencial e encontro. No entanto, nem todas se referem às mesmas dimensões. Encontro e relação não são a mesma coisa, o encontro é algo de atual, a relação engloba o encontro e abre novas possibilidades de novos encontros, tornando possíveis novos atos dialógicos.

Buber propõe ao homem a realização da vida dialógica, uma existência fundada no diálogo. Para esta tarefa, Buber, faz sobressair de novo o sentido profundo do “aí fazer-se” na vida.

Poderíamos concluir, como afirma W. Kaufmann, que “na realidade só existiu um existencialista que não foi exatamente existencialista, e sim, Martin Buber”. Voltando a Buber: “Se o homem não pode viver sem o Isso, não se pode esquecer que aquele que vive só com o Isso não é homem”.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Cf. Aquiles Zuben, Prefácio à tradução brasileira de *Eu e Tu*, São Paulo, Centauro, 2001, p. XLV.

<sup>14</sup> Cf. Aquiles Zuben, Prefácio à tradução brasileira de *Eu e Tu*, São Paulo, Centauro, 2001, p. LXX.